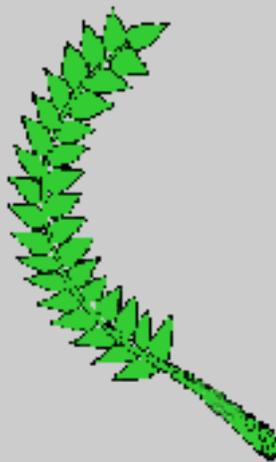
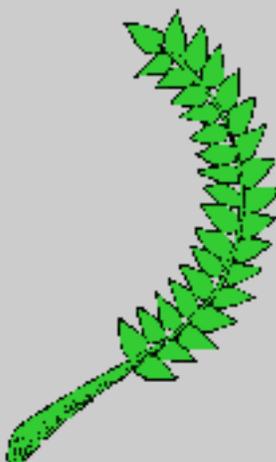

Arte Literária



A um amor desconhecido



(Poesia II)

José Luis Ferreira

Uma edição eletrônica não-comercial da

CASA DA CULTURA

A um amor desconhecido

de José Luis Ferreira

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



André Carlos Salzano Masini

Copyright © José Luis Ferreira

Os direitos de todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados a seu autor, e estão registrados e protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrônica (e-book) não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. **Este exemplar de livro eletrônico pode ser duplicado em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos.** Nenhuma parte isolada deste livro, que não seja a presente edição em sua íntegra, pode ser isoladamente copiada, reproduzida, ou armazenada em qualquer meio, ou utilizada para qualquer fim. Este livro eletrônico não pode ser impresso. Os direitos da presente edição permitem exclusivamente a leitura através de algum programa de leitura de arquivos PDF. Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas através do e-mail contatos@casadacultura.org

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



JOSÉ LUIS FERREIRA

POESIA II

**A UM AMOR
DESCONHECIDO**

à memória
de Natália Correia
† Lisboa, 16 de Março de 1993

Pórtico

Impúbere - e deslumbrado já por uma sensualidade plásmica primária, um anódino sentido nocional congénito, uma falsa percepção, descodificada e pré-consciente, um deslumbre nostálgico, um quimérico fascínio pressentido, na estética plástica da Mulher - eu ia cerebralizando uma miragem, na utopia mágica da minha infância.

Tentava referenciá-la, no meu universo infantil, identificá-la com outra qualquer harmonia sensitiva reconhecível, através da revisualização inconfessa do mundo vegetativo, florícola, do meu quintal ajardinado de menino. Mas a relação directa com a paisagem mirífica - a visão tépida e gulosa do meu ninho - estabelecia-se, predominantemente, no mundo animal feminino mais próximo, espreitado pelas janelas, vigiado desde o berço. Paritário das flores intencionais, nas jarras decorativas e nos solitários de cristal, imbuído dos vultos e perfumes da vizinhança humana.

Uma ave, canora ou de capoeira, uma gata angorá, uma cadela cruzada, uma vaca mal parida, uma égua de montar, uma perdiz, ou uma serpente. Uma menina serpente de glauco olhar hipnótico.

Quantas fêmeas (culturalmente subhumanas) me atraíram pelo que nelas havia disso. Estrita e essencial, suficientemente!

Os sentidos de relação que me colaram ao meio social - duro e preconceituoso, punitivo, imaturo e hipocritamente presbiteriano - em que nasci, influenciaram a timidez e a perversidade da minha iniciação. As inibições e os complexos contra os quais a adolescência viria a aconselhar-me a teoria sufocante do refúgio, exótica e solipsista, do isolamento aleatório e da autocumplicidade. Amoral e onanista.

A infância semi-rural (semi-católica, descuidada e vigilante) que me serviu de berço natural, dera-me - numa relação arqueoclássica, entre Esparta e Atenas - uma infraestrutura mental, teimosa, rejeitiva, antagónica à dicotomia educativa própria desse estereótipo filosófico. Desde muito novo, sonhava alcovas. Realizava nuvens!

Os secretos eflúvios, lascivos e romanescos, a concupiscência conventualmente disfarçada, das minhas recatadas jovens conterrâneas, instilavam-se-me na espinha. Desestabilizavam-me. Excitavam-me. Confundiam-me irracionalmente.

Um medo infantil me asfixiava. Um enorme pudor bíblico, acenava maldições, tísicas e venéreas: a punição sífilítica de uma espécie de pecado, cortado pela censura, semi-omissivo e latente, nas osculações sublinguais, de écran, que as estrelas de Hollywood sufragavam. A preto e branco. Durante o holocausto da Segunda Guerra Mundial.

Apaixonado pela imagem virgo-virtual, pseudo-arquetípica, das divas-de-beijar-a-mão (sufragadas nas páginas da imensa livralhada romântica-de-cordel, que entretanto devorava), elegia como ideal uma esposa-imediata, com a doçura frágil enigmática de uma mulher-anjo, de esfíngico sorriso vidrado e alva cútis cerâmica, de loiça sanitária. Higiénica, bacteriologicamente pura. A mulher irreal, radicalmente púdica, das novelas puritanas. Heroínas sem bacio, nem bidé. Sem mênstruo e sem cio. Inventadas contra natura. Vestidas com penteados ortopédicos, enxutas, antes e depois do banho, para regalo exclusivo dos artistas nefelibatas. Assexuados. Sem hormónios. Apáticos à tumidez mamilar e às feromonas. Como os anjos do Bizâncio.

Uma tarde, fugi de casa e fui a um baile impopular, alegre e mal frequentado.

Quarenta noites, depois dessa tarde, aconteceu-me outro bailado. Sem orquestra. Íntimo e secreto. Teoricamente silencioso. Rigorosamente particular, carnal e clandestino. Ao vivo, no sótão da casa dos meus pais. Homem único na cama de casal do chão, ali estava, pletórica, a minha juventude. A estrebuchar no primeiro contacto interior, plenamente físico e palpitante, conjugado na primeira pessoa do plural, em ligação directa ao número mais singular da nudez oferecida de todas as mulheres.

Quase sem luz. Às escondidas, aquilo podia não ter nada a ver com o Amor dos livros de versos, mas era saudavelmente frenético e bom. Perigoso, na sua nudez absoluta. Inebriante, por entre tanta ignorância e comovente falta de pecado.

A sacração da minha Primavera não foi um desafio. Não podia ter sido uma invenção insólita, nem uma inevitabilidade adiada. Foi uma coincidência vital, impetuosa, no Tempo integral de duas adolescências. Atraídas pelo desejo simultâneo, para a explosão inesquecível da primeira vertigem orgástica.

Na consciência hipersensível estava um poeta. Na memória, ficámos lá. Eternamente.

Do inidentificável gosto dessa iniciação corporal, desse primeiro achamento, surgiu-me o irresistível desejo de jogar aos descobrimentos. Buscar a cor e o tacto, o cheiro e o sabor de todas as paisagens de uma humanidade fêmea ignota, na sôfrega demanda de continentes presumidos, mundos supostamente inexplorados, onde até hoje me perdi e me encontro, deslumbrado por especialistas e, sobretudo, fascinado pelo tímido talento e pelo génio imprevisível de inomináveis debutantes, passivas e vorazes, que frustraram o meu histórico machismo e tecem as asas da minha gnose poética.

A incoerência dos preconceitos de hipocrisia sexual (crítica e civilizadamente manipulada pelas mais diversas educações familiares e religiosas) prepondera, hoje ainda, subsidiando a nova «desordem amorosa» instituída por intermináveis formas culturais, subjacentes ao renascer do paganismo erótico, da prostituição ideológica e da pornografia industrial, bioquímica e digital.

Tudo mudou, mas a única transformação operada – na perspectiva da minha atitude e do meu comportamento poético, em relação ao Amor – é a perda de significado da datação dos poemas que escrevi, na relação da deselegância e vacuidade do interesse ritual do meu egoísmo. Desde o mais vergonhoso exibicionismo, à mais inesperada e ultrajante forma de impotência física: o ridículo latino-americano do donjuanismo de bairro. O delicado dandismo anglo-saxónico, atávico de salão. De boíte. E de piscina.

Definitivamente, os meus êxitos e insucessos sentimentais aconteceram segundo uma aviltante incoerência processual: à *pusilanimidade* da minha própria hipocrisia sexual, sempre correspondeu o paradoxo ardoroso, ciumento e apaixonadamente cínico, das minhas involuntárias conquistas; à desgostante *sinceridade* – ao desforço inútil das minhas tentativas afrodisíacas, de bailado e serenata, em que esmerava a declaração cantante, inocente, melíflua e estratégica, do meu mais túrgido desejo – respondia seguramente a mais clara e desprezível indiferença, ou os mais inibidores sintomas de náusea, sob as formas tradicionais (mais vulgares e educadas), a resistência passiva dos respeitáveis *objectos* da minha presumível volúpia espontânea.

Sem falsos escrúpulos, sem mácula nem arrependimento (perante a reciprocidade corsária fatal do *feminismo dominador* contra o qual atentei e saí sempre vencido), reconheço-me *perdedor inconformado* na guerra matreira dos sexos. Acho, por isso, grotesca, hilariante e ridícula a *coquetterie*, o *flirt* e o engate, quando estupidamente disfarçados pelo *artifício infalível* da sedução (simulacro do vício medieval de sitiar castelos resistentes). Considero pusilânime e imbecil a conquista clássica galante: o método das flores, dos perfumes e das jóias, da *lingerie*, do *champagne* e do cheque, melhor ou pior inspirados na perfídia mitológica do cavalo de Tróia! Na linguagem de ontem, fui ingénuo. Na linguagem de hoje, admito ser considerado como um «cromo».

A morfologia bipolar dos *géneros* – masculino | feminino – era, na minha juventude, socialmente mais visível, além de ser promovida pela moral rasteira da pedagogia crónica, dos bons costumes e do fundamentalismo catequista. A histeria monástica e a repressão seminarista dos internatos de *apartheid* propagava-se à logística escolar. Mas não havia, nunca existiu, em rigor, nessa era pré-histórica de que sou ainda sobrevivente, qualquer abjeccionismo unilateral (entre sexos opostos).

A homossexualidade não era considerada tão patológica entre machos, como entre fêmeas. Já se falava muito em ninfomania e frigidez feminina mas, pouco ou nada, em impotência masculina. O orgasmo tornava-se, às cegas, incompatível com o desejo. Vivia-se então num mundo tão pecaminoso e sujo, quanto hoje é permissivo, residualmente promíscuo, *naturalmente artificial e fantasiaco*.

As minhas conjecturas tornavam-me imperativa uma explicação autosatisfatória do relacionamento entre o fenómeno sexual, a «*poesis*» e o Amor dos humanos. Uma

explicação que, sendo contemporânea, tivesse um fundamento físico, científico. E, simultaneamente, se não divorciasse de uma qualquer posição, de radical filosófico, místico, ou enredado nas teias gnósticas da metafísica (*kantiana*, porque não?).

A insipiência da minha vaidade intelectual de adolescente colocava ao meu alcance, os mais remotos horizontes, como se pudesse aceder, a todos e cada um, dos factores implicados na transcendente complexidade do processo, em cuja experiência me pretendi- de *corpo-e-alma* - prática e teoricamente, tão profundamente envolvido.

A dois passos (*dentro ou fora*) dos limites da loucura, hesitei!

...e, depois, brutal, violenta, e súpeta, liminarmente, verifiquei que tinha, pura e simplesmente, desistido.

Não obstante, reagi sempre muito mal à convivência persistente, com essa dúvida latente, remetida para o limbo da minha consciência crítica, incapaz de superar intelectualmente o problema.

Optei, em vão, por desmistificar as décadas consagradas a essas tão eminentes experiências existenciais, porque, hoje ainda, mal distingo - por entre as auto-estradas do comunicalismo - o longínquo percurso, enorme e largo que, na direcção certa (ou errada?), me não conduzirá à decifração do enigma, a menos que um *cientista meu amigo* (o Fernando Carvalho Rodrigues) cumpra uma promessa impossível e descubra, ou *invente* - expressamente para mim - o *algoritmo do Amor...*

Édipo e a Esfinge.

Múltiplas explicatas sobre a distância que medeia entre a sexualidade e o resto do universo, falharam. Os resultados intelectuais são definitivamente inconclusos e prolapsos, quer derivem de exercícios do pensamento escatológico, empírico e científico, de carácter experimental ou especulatório, quer se inscrevam no domínio do antropológico ou do psicossocial.

Desde o paraíso jeovaico à incestuosidade olímpica desbragada, do Kama Sutra aos avatares de Vishnu, do marquês de Sade a Mazoc, de Sigmund Freud a Fritzwinkel, de Jung a Marcuse e à Escola de Habermas e Adorno. A incógnita persiste, lateralmente às inovações ecuménicas dos Direitos do Homem, enquanto a *suspeita pragmática da inexistência do Amor subsiste tecnicamente* e me dispensa, territorialmente, da sua pesquisa, confundindo-a numa acepção total, absoluta, única e lírica, de Poesia, porque o Amor resiste e permanece tão eterno e vivo como o seu próprio Mito.

Faço da minha ignorância um dogma e nele postulo a minha indiferença sobre se a sua imanente importância tem sede no mito, ou se, afinal, se estabelece entre ele e a tentativa frustrante da sua investigação, tão inconclusiva como incessante...

Insisti e insisto, contraditoriamente, portanto, na pesquisa sobre *se o Amor está no Acto, ou é um facto*, em si, confundido nos princípios abstractos da causalidade e do efeito, escapando à irrealidade mental de uma equação, que o definiria - apenas conjecturalmente - no mundo emocional dos afectos superiores, da subjectiva hipersensibilidade humana.

Continuo a escutar, dentro de mim, perguntas inúteis sobre se o Amor se limitará às coordenadas finitas de um estereótipo social, irracionalmente diluído nos registos

morfogenéticos da universalidade, na singularidade estigmática da psique individual humana. As minhas interrogações persistem, apesar de mestres e livros de mestres me terem dito, *desastradamente (há quase meio século!)*, que *uma incógnita [X ou Y]* me impõe a misteriosa herança biológica da Mulher como *homem-fêmea!*

A questão simplificar-se-ia, segundo esta lógica simplista. Devia, porisso, limitar a minha curiosidade, racional e teoricamente, quanto à sua natureza, uma vez que satisfaz o âmbito sumário, generalista e meramente especulativo das interrogações fatalistas da burguesia resmungona e feliz, aculturadamente ensonada, dos cidadãos eleitores e contribuintes, da Europa, do meu País e do Universo comunicacional deste planeta. Mas não resolve o *meu problema*.

Sinto, em *crescendum* a Mulher, desde a *ténue reminiscência dos castos(?) beijos da minha primeira Namorada* - a minha Mãe! E, sentir a Mulher, não implicará nunca - talvez por esse *facto meramente accidental* - a suficiência de uma explicação, obediente a qualquer exegese excêntrica. Seja epistemológica. Ou teologal.

«*On n'aime pas ce qu'on ne connaît pas*», é a **segunda** afirmação filosófica categórica que maior estupefacção em mim provoca, hoje ainda. Atribui ao Amor um sentido de exclusão contraditório da **primeira** «*l'Amour a des raisons que la raison ne connaît pas*»!

Invocam-nas, como cães-de-fila, os seguidistas da suficiência amorfa e complacente, porque se estão nas tintas perante o dramatismo deste tipo peculiar de problemática (obsessivo, paranóico... maníaco depressivo, mentalmente muito pouco salutar), portanto e enquanto se faz amor, desenfreadamente, até à inanição corpórea, esvaziando, de conteúdo, toda a conflitualidade moral especulativa entre a paixão romântica e o erotismo congénito, endógeno, mais ou menos latente em todos os seres humanos.

No que, comportamentalmente, me diz respeito, diante de mim próprio, numa visão autocrítica retrospectiva - momentosamente inexigente, temporizadora, e autocomplacente, também, quanto à autenticidade dos actos e pensamentos que me concernem -poderia (ou deveria, talvez) renegar, aqui, o **Amor Desconhecido**, que nutro pela Mulher. Materialmente cruel. Mentalmente infinitivo.

Porque não entrar no jogo urbano e viciado do oportunismo lúbrico, adoptar a justificação ambulante de alguns dos meus mais hábeis e conceituados congéneres e co-procalamar a proximidade alógica do amor-ódio e da amizade-amorosa, entre o disfarce da repugnância e a ostentação das práticas de competição, no campeonato sexual do nosso universo histórico?

Usando, porém, da liberdade poética (que deuses fictícios me conferiram através de um *despacho apócrifo*, datado hoje mesmo, do Olimpo) declaro que amo a Mulher. Solenemente:

na Sua beleza, na Sua sensualidade, na Sua candura, nos Seus talentos;
na Sua força, na Sua fraqueza e na Sua soberania;
na Sua inteligência e na Sua estupidez;
na Sua bondade e na Sua maldade;
na Sua humanidade gloriosa, sexualmente ultrajante!

José-Luis Ferreira . 1993

PLÁGIO DE UM POEMA APÓCRIFO

Há um sonho de amor
em cada madrugada

Há uma madrugada
em cada sonho
de amor

Há sonho amor
e madrugada

MITOMANIA

A ti desconhecida amei-te
sempre amada no amor
para sempre do meu passado
inteiro desde o sonho
instante único e primeiro
da morte do pecado original.

Amei-te sem saber quem és
Anónima ímpar distante e bela
na intimidade da primeira
pessoa singular na segunda
pessoa do plural de cada vez.

Amarei-te indefinidamente
no corpo inteiro sobejante
do resto da vida que te dou
química confusa que me vem
de ti mulher-mãe
mulher-todas
mulher-desconhecida.

Amo-te nos vãos da eternidade
nas partículas do meu ser
desde o aquém da morte ao para além da existência
mulher-coisa
mulher-gesto
mulher-idealizada

Continuarei a amar-te ainda
depois do antes depois de mim
em tudo quanto permanece
na carne no cerne da memória
de algo que nunca acontece
mulher-única
mulher-qualquer
mulher-real.

A ti só imediata e previsível
Que irremediavelmente nua
me foste doada pelo Tempo
não te amei por ser imaginário
o nome escrito no teu corpo
por não saberes de onde vens
nem dizeres quem és
quem quer que sejas!
Conjugada na quarta
pessoa do singular.

UM ANÓNIMO ADEUS

O que tenho para dar-te nada
vale o Tempo todo um golpe
de ar com estrelas no horizonte

dois sorrisos de mãos dadas
dois plenos de três dados

uma mãcheia de amor
na madrugada delírio
um solpoente
um grande zero sôfrego
um poemestro garço
um beijar longínquo
um estrelar de cântico

O que tenho para dar-te nada
vale o tempo infinito do adeus

O ADULTÉRIO NÃO EXISTE

Poema transeunte impróprio
perdido nas valetas do Tempo

Tanto frio por dentro tanta fé no peito
tanta febre no rosto
meu amor transparente minha pena de pato
meu canto vadio

Soletro queixumes de prazer pela via láctea
dos teus olhos
saio contigo entre-os-rios
passeio-me entre-as-sombras
navego-me entre-as-ondas
do mar

Sou eu-me
mim-migo
porque
o diapasão de grande orquestra dos meus sonhos maus
desaparece com o simples
modo de olhar dos teus dedos e afinal
nada do que é bom no fundo
das coisas em que me afundo
se parece mal
Contigo

Consigo só de olhar
fazer-te a minha ascendência projectada
a aspersão dos teus olhos cheios
de graça
porque o que brilha neles generosamente é o magnífico
egoísmo do cio
a minha origem
a tua eternidade fêmea
à espera de um vulcão
anónimo que leve
por acaso
o selo da minha assinatura

LUAR DE CAMINHA

Mar ao longe a terra nua
sós no espaço dois mil sóis
em manadas pastando o Tempo

... e um luar de lua
um carro sem bois
vazio ao fundo de uma quinta
sinfonia
duas mãodadas

Era meu	o corpo	a alma tua
fomos amantes	só	um os dois
um momento enorme		dois nada

A PRAIA NO NOSSO DESENTENDIMENTO

Capítulo de livro amo a minha vida de coisas
escrita a branco sobre papel branco
nunca desisti? nunca abdiquei?
branco sobre branco exame na escola
se as contas estão mal apaga-se tudo fica
branco sobre branco volta-se ao princípio

Diferente a noite amo não sei quem és
as tuas mãos abertas na minha mão fechada agarram uma quimera
o destino nuclear dum a bola de sabão
ignoras-me igualmente dizes-mo com a tua boca lacrada
mas os teus lábios estão trincados pelas sílabas do meu nome

Longe tu amo as estrelas perto
os maus sonhos não existem vão embora
desconhecido é o inatingível se a alma chora
cá houve uma guerra também escombros de guerra
assassinar é um prejuízo muito mais importante que um crime
os zeros pensam-se assinalam-se não se escrevem por extenso

Aconteceu amo qualquer coisa
ao tirar da boca um cigarro aceso foi para beijar-te
esqueci sofregamente a primavera
as guerras dos outros deixaram de interessar-me
Longe as estrelas perto amo um milhão de zeros
mais um beijo

À MUSA DE UM POETA MORTO

Vês amor meu além é o céu
o meu amor não é de cá é de lá
e o teu ?

Tu és a cidade vês o luar da cidade
conheces o mar vives em jardins
tu vês gente em toda a parte
e só na solidão em que te escondes
idêntica solitária
tens no horizonte outras paisagens
conheces as serras os campos cultivados

tu vês florestas e comboios e autocarros
conheces nomes doutros países da terra
tu vês artificialmente o bem e o mal
conheces tudo aquilo que te ensinaram
tu vês os meus olhos e beijas a minha boca
conheces no peso incauto a vertigem
o sabor total espantado do meu corpo

e o meu amor ? amor meu ?
não é de cá é de lá
e o teu ?

PECADO ORIGINAL

Vamos despertar na floresta quando as ruas
ficarem desertas
completamente inúteis e vazias

A humanidade não desertou piedosamente
para que ficássemos sós
ao acordar

Os meninos que brincavam no escuro
morreram misturados na cor dos sonhos
porque a humanidade os esqueceu à nascença
não foi minha querida
para que ficássemos sós
ao acordar

Acorda meu Amor o teu deus abandonou-nos
deixou-nos por vingança
cruelmente sós no paraíso
por estarmos proibidos
de amar

Acorda meu Amor vem escutar o silêncio cósmico
da noite no eco da floresta
porque ficámos
definitivamente sós
ao luar

O PREÇO DAS FLORES

(à Maria Silva Costa)

Quase ave expressa asa
um cântico esparso nos cabelos curtos
um verde-céu azul-reflexo
vibrando-te-me nos olhos jade flor

Procurei-te levando pétalas róseas
em ambas as mãos-amor

estrofe-posse chamava-se dor
ó esp'rança a fugir-te dum sorriso iniciado
um lapso
e retornei espantado à minha solidão
semibreve-inteira rugido raio trovejante
chispas num sorriso de leão ...e

Sem crenças nem razões alienado
invento causas fabrico objecções
o senão fortuito de encontrar
nas mil e duzentas mágoas
choradas pelas fontes da cidade
os percursos de misérias sujas
a fome desassossegada dos pedintes
o gasóleo de autocarro e as perguntas
de que tem isso tudo a ver
com as folhas das árvores que sobraram
com a última vontade dos homens
e com o amor

De tudo um mesmo lapso apenas fica
penas de ave aluada que tomba ao desamparo
partindo os ossos da bacia
contra os floreios épicos dum ministro em estátua

Tinha - te levado pétalas róseas
em ambas as mãos-amor

INESQUECIVELMENTE

(à memória de Dorita de Castel-Branco)

Quem foste tu que perdi nas sinusóides do tempo ?
miragem de foguete ? pedrada n'água ? invenção ?
quem te riscou de tal modo assim risco anulação ?
quem te caiu ? porque caíste ?
na fuga aos teus beijos que presságio adivinhaste ? que certeza ?
o meu desejo ávido neutralizado e rouco sem música nenhuma ?
a opacidade das janelas cravada de reflexos de fluxos baços fixos ?

Caos inconcluso ou porta falsa porão
Abriste-o apenas ao passar rumando o teu destino
um passeio um ar-livre
eu fui o teu cansaço algures túnel nervo marfim

Por entre a fumarada incógnita abrupta da explosão final
ficou numa clareira circular o vácuo da tua presença
sem ódio nenhum sem uma esperança completamente nu
aqui estou eu proprietário desta rua imensa
bicho cómodo resignatário do direito à posse
hereditária da minha carne

Eis-me recordado com um sorriso na testa
observo complacentemente a claridade obtusa das manhãs
e a verdura fresca dos jardins

PRETÉRITO FUTURO

- Tens-me preso ao talento da tua mão direita
 cega pela vertigem
 convertes-me à tua fé com a frenética doçura violante
 da vocação de cruzada com que me seduzes a cabeça
 atraindo lava e sal gema para a sucção
 voraz da tua boca
 aspergida ansiosa e sufocada
 por golfadas de sémen derramado
 até o meu desaparecimento
 diluído em esmeraldas, esvaído subjugado pelo prazer
- Tenho-te no interrogatório em concha das minhas garras
 domadas da mão esquerda
 perdida no frémito palpitante
 das flores súplices em botão vibrando no teu peito
 na miragem dos teus olhos fixos
 no anil em arco-íris
 dum sol posto com cisnes a boiar no firmamento
 persigo-te as palavras trincadas
 na perdição do desejo encontrado
 na vontade doida de acordar e ser tudo verdade
- Temo-nos braços abertos e um riso parietal completamente nu
 na imensidão aberta de um vaivém do Tempo
 à espera da fusão do gande-encontro
 rastejamos nas nuvens uma frenética sofreguidão contida
 colados ao disparo de um foguete sem rota nem destino
 que somos nós ardendo
 misturados no pulsar do universo unidos
 num esgar balbuciante inquietamente rápido
 a voltar ao corpo caído
 do infinito aos tropeções num mar de gargalhadas
- Tivemos um ou mil sonhos de amor no passado curto-longo
 transformado por rotas de colisão
 entre esmolas e roubos orgásticos
 neste riacho de lagoas verdes com os reflexos imortais
 dos montes do sonho paridos do ventre profundo da Terra
 eclipsada pela respiração
 no presente imperceptível da galáxia
 visitada pelo nosso medo secreto na ébria luxúria do espaço
 orvalhada por cristais da água do futuro acabadamente findo

CONJUGAÇÃO

respiro-te na cabeleira uma réstia de mal-me-quer
cheiras a tomilho
sabes-me a fel

corri um tempo todo galgo cavalo corso sol-e-dó
estás nua tens um filho
moinho vela e mó

ventas-me o pescoço tens suor nas costas sal marinho
cantas-me um hino
sabes-me a pó

tacteo-te os quadris tens flores aos ombros ar
uma atmosfera
cor de mel

rasgo-te cautelosamente as coxas trinco-te a barriga
nódoa negra
um queixume

passo um calcanhar nos teus ouvidos intriguei-te
leixa-pren
respiração

os vidros dos teus olhos chispam luas nevam fogo
caça brava
ostentação

sofreio sôfrego o galope das estrelas no verão da cama
acendo a luz
leio-te o jornal

POR AMOR (1)

nos olhos a espera o seio	tremido
um ressalto nos dentes	
dou-te por um beijo três	dos meus cabelos
dou-te dois harpejos de harpa	nos joelhos
dou-te a minha mão ardendo	e dois dedos
vermelhos	
à tua volta um halo de anjo	um luar frio
esmagas-me o ventre	
dou-te um resto de estro	poetastro
dou-te um fole de organeta	uma quimera
dou-te um riso frouxo	um som de banjo
vibras um trinado de pássaro	em mergulho
uma melodia	um esgar fictivo
dou-te um sol um lago	e uma primavera
dou-te milhões de planetas	e uma fuga
dou-te duas colcheias	e um leito
desmanchado	
volteias no espaço silvas	vens a pique
esmagas-te-me no peito	
dou-te um soneto uma canção	um alfabeto
dou-te martírio ultrassons	um calafrio
dou-te o mar a lava dos vulcões	no infinito
e sosseguei-te-me	

POR AMOR (2)

o teu sangue febril são os meus dentes
o teu corpo torturado o meu destino
a tua boca ardida o meu pescado
a tua mama esquerda a minha mão direita

o teu palpo-de-aranha é o meu berço
a tua testa os meus joelhos magros
o teu sentido das coisas não me importa
a tua vida interior são os teus beijos

o teu poder acaba à hora exacta em que me canso
a ironia que arde nos tens dentes
o acólito sai-te da garganta em espuma o anjo mau
a pomba pare-te-me um ovo vivo cru

a alga galga-me envolve o torso pelos rins
o torso torce-se pescoço em patas de cetim
a vida sai-se-me explosão um arrepio
o riso a gargalhada o choro o anexim

a palidez da tua boca é sangue nos meus olhos
a calidez do seio verga-me o nariz um espasmo
o teu calor é rubro um hálito de ventre
o fim tem a medida do meu ombro a cor dos teus anéis

ELEGIA

Solange sol salário sal
salto solta só
Solange solidão Solimões Salomão
solfejo
salmonete sal salmão
só solar saltar
solilóquio salsugem solfejar
Solange soledade solidão
solípede solvente solução
salva solidar saltão soltar
solidéu Solange só
solução
soldado solto salta saltitão
solitário
sol soltado só limões
Solange solário
solestício solilóquio
solução
solfejo
salta
Solange
sol salário sal
 soledade

UM MEDO OBRIGATÓRIO

Eu desconhecido amei-te nunca
eu acidente sou versos que os teus netos de algum dia
lerão por castigo sobre a tua morte

Em ti encontrei-me só no reflexo dos teus olhos
na ilusão dos teus lábios pintados

Arranco com os braços que me nasceram um pecado mais
conceito prescindível fé maligna um medo obrigatório

O himalaia foi feito para sepultar uma mentira
Amar-te sempre é um lapso
a lembrança o paradoxo absolutamente indiscutível
de estar vivo não é uma falência ética é uma autoconcessão

Todavia este mesmo é um verso meramente introdutório
A um poema interminável que nunca será escrito

Quando abri as portas cerradas da tua boca entre dentes
guardavas nela antiquária a virgindade inerte
um conceito prescindível fé maligna um medo obrigatório

SACIEDADE

Procuro-te concisamente um nome nas partes
do teu corpo cansado de encontrar mentira
e tédio enquanto tanto tento
fundir o meu frio no teu frio
parcialmente distante
de gelar o meu calor no teu frio
indesejadamente próximo.

Temporariamente assim parece tudo permanece
insípido pertinaz transitório e não passa
dum estupor prolongadamente mórbido porque:

É de procurar-me a mim próprio neste finito-infinito
de procurar-te a ti imprópria disto tudo
neste espaço frustrado de procurar-te-me
no desgaste agastado vão de procurar-me-te

É de não haver fronteiras senão a horas certas
outras convenções de alívio panaceia dor-de-dentes

É de frases feitas correntes de ar e areias movediças
contratos e versos à mistura *verde pião ai deus y u é?*

É de desencontro para além do tempo dos relógios
e a cronologia analógica ter uma métrica deficiente

É de haver ainda fumo, borboletas flores e água pura
e ser sobretudo propositadamente curva a vírgula

É de existirem seres invisíveis demais á volta neste circo
e haver quem morda o paradoxo na boca dos incautos

É de ser muito improvável outro mundo em meu redor
na ronda do absurdo a tributar aplausos à mediocridade

É suposta alguma inteligência neste corpo semi-inânime
residente no medo da última pergunta do acasalamento
o susto habitual do abandono e é por isso:

Que procuro tomar um nó-zero por símbolo
da nudez perfeita da nossa comunhão

Que essencialmente evoco um irreal direito à saúde
da minha existência liberta do cheiro do teu corpo

Que acredito na inspiração programada
dum poema feliz por um ordenador sem fios

Que abro os olhos para esta vida de hoje e amanhã
tombarei no abismo para cima de uma aventura nova

PROJECTO PERDIDO

(voando com Ana Noronha Viana)

Viveremos amanhã com esta incerteza de hoje
adormeci
lançaste-te pêndulo funda uma estrela nua
beatles moinho-do-gato uma vida a escorrer sangue
um paralelo in-a-gada-da-vida a era do eco
procurei-te enlouquecido a noite inteira era o labirinto
um mar de cor à minha espera um gorjeio
nuvem eu quero ser o teu abraço
um desejo autêntico que alcance súpeto o teu hálito uma febre

Aconteceu mesmo ao regressarmos sós do longo alcance
amanhã compro um navio vamos fingir um passeio é uma fuga
vamos demandar terras de promessa e túneis e cavernas
temos um mundo inteiro aos pés e não o governamos
quem somos nós afinal ?

Transferência de poderes luares amarelos em ângulo recto
transe uma oscilação sem eixo uma notação vadia
eu sou o vagabundo da estrada de santiago vai-te não te conheço !

Segredos em desnível as tuas mãos são transparentes
as veias dos girinos são opacas é preciso que renasças outra vez
o que se dilata é o império e a moeda falsa-eu amo
o mercado negro detesto passaportes roubo flores
as batalhas campais acabam no princípio isto é uma farsa
ninguém me perdoa a minha desnecessidade de perdão ninguém entende
não sou cúmplice da vida ninguém me protege
sorvo holocaustos sou vampiro trinco-te-me na boca sofro

Amanhã viveremos esta incerteza de hoje

SÍNDROME

Belezinha	encanto	coxa
entrecoxo		borrachinho
Doce	enxuto	canto
		passarinho
Lídia	fulva	rota
voltarete		
estupro	disjunção	flora
verdete		
espasmo	violação	cantiga
vibração	sorriso	minarete
pasmo	garatuja	
	ostentação	
vertigem	luzicu	gazela
prego	pargo	
		refeição
luzeiro	martinica	ventania
grude	garbo	
frustração		

PENÚLTIMA PAIXÃO DA ADOLESCÊNCIA

Um dó de peito um canto e um poema
duas horas de sonho um gesto uma quimera
um desejo de beijo um modo de estar à espera
um esquema um rasto
uma lembrança

pasto as nuvens das paixões sem amanhã
moro no alto da montanha rasa de mar

um espanto permanente no olhar
dois terços de mundo e um abismo na boca
uma sede absoluta fria interior
um resto de vulcão um pé de flor
um desejo na mão

trago esta coisa comigo uma penugem de asa
voo no tempo do teu corpo a minha irrealidade

uma salva de trovões um tronco de jasmim
uma pétala partida um espelho azul
um trevo cor de carne limpa
uma epiderme de cetim

caminho num espaço efémero nome Terra
sou hoje sou nunca um zero na eternidade

CONJUGAÇÃO

um frémito doçura diabólica apatia
um soluço um astro desejo do respirar
a tua boca desenhada um projecto
uma nova forma de beijar
as horas às mãos cheias uma colecção
um espanto nos olhos uma hipnose musical
deixas-me no espaço cometa rindo
uma fuga um espasmo perdido na solidão
ao encontrar-te-me nas mamas do teu abraço
deixo-te um medo meu ainda
dou-te um gesto sacudido e sem trajectória
sonho-me nuvem renasço dum dilúvio
maravilhadamente sôfrego dedilho-te um solfejo inteiro
semibreves de espera virilhas da eternidade
pauta projectada viagens no infinito
desespero mágico percepção
dás-me nas mãos um corpo com a vida da galáxia dentro
volto-me no chão sorvo-te o cheiro com os olhos
cantas-me um harpejo entro-te na alma
pela única porta aberta tu de par em par
(tortura no passado tempo modo malogro insatisfação !)
tenho-me-te nos olhos és o meu sabor a pão
murmuras-me o nome gemes baixinho
voo d'ave gorjeio nariz franzido humilhação
dás-me um alento salto no ar acordo enxuto
volto para ti digo-te amor e encarno nas minhas veias a tua mão

AS PARTES E O TODO

pétala bétula folha braço
abraço asa
concha gruta coxa ovo
infinito não
amor
odor ontem
um longo beijo
uma frase distante
meia vida inteira
ausente

nunca na tua ansiedade
esperaste o meu re-gresso

o endereço das cartas
de amor que nunca te escrevi
é a morada perdida
das mulheres que me tiveram

instante cercadura invasão
salto mergulho afogamento
greta grata gargarejo
toque tocata palpitação
intermitência explosão

flores do campo velas acesas
procissões igrejas e prisões
candeeiros de jardim faróis costeiros

milhares de corpos permanecem
belos inteiros e mortos
pintados no intervalo da memória

pétala bétula folha braço
abraço asa
concha gruta coxa
meia vida inteira

O MITO DE HERODES

(por causa da Estátua... de Natália Correia)

Abjectas as crianças nuas lavem-nas primeiro
É madrugada eu sou uma insónia ao relento
extenua-me a tua inocência parece calculada

tenho tanto medo da paz meu tic-tac de bolso
tantas saudades da montanha tanto frio no peito
carros números pessoas atropeladas
bichos que comem gente tanta baioneta

mulheres onde estás tu Afrodite ? quero um cavalo
o mundo é uma bola de barro parecida com um zero
microscópios de fumo dentição de leite
o meu pensamento é um vaso estanque a cinza dum cigarro

um ruído esquecido queima-me a memória
eco pronome grito trinta e cinco ós
feitiço uma carícia aos meus pés um rosto novo
queixo-me às árvores oferecem-me um jantar

quantas pessoas são precisas para uma reunião ?
mulheres onde estás tu Afrodite ? quero um cavalo
bati-me por um sonho estou aqui à tua espera

SOBRINHO DA NOITE

eu acompanhante sobrinho da noite
amo-te nos olhos
da memória

fumador de fluxos inspirado em sedas
embriago-me da glória
aspiro-te os perfumes sorvo-te néctares flor

e nem sequer um bago uma noção de fruto
sinto-te nos dedos
in-maginação
isto é uma forma de estar- apenas
inteiramente rica azeda e provocada

procurei dignificar a tua sombra
procurei orientar-me ao teu solposto
procurei fotografar-te o rosto
procurei o teu encontro

as tuas mãos não têm preço as palavras
travam-me um soluço
desapareces-me feitiço no horizonte ultramar

UM NOME, SE FOR PRECISO

Podes chamar um nome a isto extremamente doce
podes e eu não saber que isto seja o teu perfume
na minha mão irreal no cor-de-rosa dos teus seios
na minha face direita o eco da tua face esquerda
um destino a cumprir essa consciência
na proximidade constante da visão total

Podes inventar uma palavra possuir-lhe a convicção
podes sem saber pronunciá-la sem saber escrevê-la
na imagem virtual dum espelho plano na quimera
na construção da ideia na polpa dos dedos
um mar-de-rosas maré intermitência
no afastamento das coisas ser igual

Podes conceber um sorriso no ventre uma sucção
podes estremecer por dentro dissolver um lume
na-morar um gozo expelir um queixume um fogoposto
na caverna iluminada do teu corpo dado
viajarás comigo a longa viagem numa paz sem medo
na estrada que separa o bem do mal

A UM PÚBLICO AMOR ESPECTACULAR

Ah pois claro que pois
em que hei de acreditar eu ?
além dos cardos e de ti das florestas de velhas grossas árvores
ainda por cima desconhecidas como tu !
além dos rochedos da minha pátria com mar ao lado
e com mar na história uma longa história num longo mar

em que hei de acreditar senão nos rochedos
e nos seios das mulheres como tu todos cheios de mel
na ponta dos bicos em dia de aniversário

Hei que acreditar perante o facto simplesmente belo
de acreditar em ti com os olhos postos no tempo
na crença do tempo na crença em ti ?

vêm até mim palmas do público quem é o público?
pensas que acredito mais no público
do que acredito em ti ?
são palmas entanto o que vem do público palmas públicas
as mesmas palmas que a um Viriato fictício
ao Gomes Freire e ao Pombal e a dom João segundo
à Simone ao Eusébio e ao circo russo
ao rei e à república as palmas do público as lágrimas
o sacrifício a dor e o trabalho e a falta de cabeça
das palmas do público
lei constante :
a um de cada vez porque acredito em ti

CANÇÃO SEM EXPLICAR PORQUÊ

(a Ana Bárbara, minha filha)

Vem meu amor escuta
é um poema isto que estou a dizer para ti
ah mas tu não sabes o que é um poema pois não?
bem deixa lá
concerteza é por seres muito inexperiente ainda
não é isso mas no sentido espera lá mental
quer dizer não não é isso perdoa !
decididamente as palavras acabam por só servir para a gente se desentender
e depois acabamos por ficar mais sós ainda
e ir cada um para o seu lado
não não te importes comigo não isso não tem importância
...não acredites !
toda essa raiva vai continuar porque afinal somos pessoas;
com o nosso amor-próprio orgulho e vícios particulares
com sentido de propriedade

Olha nós temos nome por causa disso
foi-nos posto
ao mesmo tempo porem-nos um nome
é obrigar-nos a aceitar com ele
uma data de coisas ao mesmo tempo
vê bem até o nome não sabias ?

Não isso não nada vale pormo-nos em guerra agora
com eles todos só por isso
não ainda por cima eles são muitos
todos quase todos deixa lá não te enerves
nem chores só por isso

NA RETORTA DO TEMPO

Não cantes agora
deixa-me gozar-me o silêncio craro
solidão-companhia arco-íris-memória
da lua do meu quarto azul
de menino

Deixa-me lembrar-me
confusamente véu-penumbra memória
máscaras desaparecidas vagas carnavais
vozes embalsamadas
múmias de gestos repetidos
bonecos de loiça
ecos de ladrido
sol-a-pino
sesta

Espera ! Não te mexas agora
Nada
deixa-me nadar em nada ser menos-que-nuvem
menos-que-névoa hálito olor adiado perfume
intacto no ar suspenso na concha do tempo

Espera ! Não te mexas agora
apõe a tua boca ao sal
perlado de esforço beija a minha testa

Não ! não estrangules este semissono
de mágico adolescente longínquo
deixa-me cevar nesta rotina arfante de glória
aproveita-me enquanto me possuis
treina-me ensaia-me finge que te como a alma
enquanto me comes e sacias a sede
e a fome do teu corpo todo
comanda o meu aperfeiçoamento
nódoa-ávida delírio-esquecimento
navalhadas
sexo
Não ! agora não
que vacilo ansioso em busca duma sombra
entre os teus dedos retorno
degredo o dragão dos sonhos
não agora não
não cantes deixa-me voar neste silêncio craro

RELIGIÃO

Em busca do teu aparecimento
à hora a que as obreiras deixam
o trabalho
e os outros zangãos cospem das mandíbulas o mel
da antepenúltima refeição diária
em busca da vida e das sombras do pôr-do-sol !

...

E ainda por cima é de crer-se que alguém esperasse
um poema urbano um jacto de luz uma explosão !
há quem pense gotas de água e peças de arte
diálogos mundaneiros carros fúnebres pronto-socorros
notícias de jornal quedas de ministros
despedimentos de pessoal desvalorização da moeda
quedas do autocarro incêndios música de orquestra
filmes de chorar idas ao circo...

Eu não:

à hora livre / à hora de sonhar
vou-me nas asas dos mosquitos velhos
em busca do teu aparecimento
para não ficar espetado à espera de qualquer coisa !

...

E ainda por cima é de crer-se que alguém imaginasse
um desastre qualquer no meio da confusão !
há quem imagine vitórias conquistas invenções
aberturas de estradas novas viagens a Marte
caçadas safaris aquisições de imóveis prémios
dias feriadados e novas namoradas Há
Ah ! Acima de todos estão os que imaginam a paz e
Aqueles os outros os mais que não imaginam nada

Eu não:

à hora de contar o tempo
avanço pelas ruas num tropel ansioso
em busca do teu aparecimento

Que a noite chega apenas para nós

LUAR DO SÍTIO

(declaração do Amor, a minha Mãe)

Eu fui o luar do sítio
quimérico
estrebuchei noutros continentes algemado
pelas mãos por mim postas no fogo

Por um suspiro gerei vida em descendentes
saltei dos meus olhos
eu sou o luar do sítio
Minha Mãe

Não há mais nada de mim
para ti
no que resta do meu nome prolongado
pelas casas que habitei nesta cidade

Seca as lágrimas
nos teus olhos do gesso eterno com calor de carne

Não me deixes chorar
Sobre esses teus olhos confusos na memória
Minha Mãe

Que me confundi perdido que muitas coisas eu
semibreves de ganido apedrejado e foragido antes e depois
escarlate de raiva,
feito de espuma e folhas impudicas
de girassol triunfante

Mas se eu for eu mesmo ou outro em vez de mim
tiver nome de bruxo ou de sábio amaldiçoado
deixa apodrecer as teclas do teu piano de donzela
dedilha um concerto na árvore dos sonhos
de quando fui pequenino
Minha Mãe
e serei o luar do sítio novamente

COM NOME AMOR

Dá-me um sonho e vai-te
não calques a flor murcha com dentes ocultos
põe o pé à frente o pé mais próximo da frente

Exorta ao luar um hino
os chorões bravios o lótus a flor do hibisco
o teu céu ausente

Não não calques evita calcar
arrasta com as mãos a tua sombra
empurra o corpo maculado à boca - do barranco
escancarado em pânico
maior que abismo

Entrega-te
dá-me um sonho e vai-te

Não quero brilho de lares - poentes marinhos
fogo de vozes

Cava nas bétulas - fronde de árvore rosas
deixa-me pascar convencido de astro - a iluminar-te
entrega-te

É como nos dramas
gargareja um tomo de poemas cáusticos - dos que choram
vasculha a neblina de bronze do teu gesto imperfeito
abre-me o peito com as agulhas-carne do teu peito
para que desmanche esmague adocicado esborralhe
o altar devassado onde guardaste dois botões incandescentes
para ocupar as minhas mãos inquietas de procurar no tempo

Entrega-te o momento é meu espumo de raiva
Dá-me um sonho e vai-te

TROVETA DE DIZER ADEUS SEM LENÇO

Uma oitava abaixo do trovão
e numa tristeza imensa como a noite
iluminou-se dum sorriso ténue os olhos magros e vazios

E só lhe vi os cabelos passar
Já muito ao longe

Sem palavras – som ou gesto – grua de içar estátuas
Fiquei pregado ao chão da vida
e mais um fardo alheio violei matando
um poema morto
roubado a
o mar

Lhe dei frasco um veneno de encontrar vida
o amor errado do meu perfume de urzes secou
Nem elo de cadeia mantida como lago cheio
Fiz de cinza

Já não cinza nem frasco
lago elo cadeia cinza
Já nada poema morto

E só lhe vi os cabelos passar
Já muito ao longe

EXÉQUIAS DE ABALADA

Estendeste os ombros sem um grito
passei no sôfrego rebrilho dos joelhos
só que não houve amanhecer
tudo até hoje permanece noite
efémero e igual
culto antepassado-rito-amor
gritando não-que-não
orgástico incessante só-que-não
uma vez mais perdido no deserto
sem eco do teu apartamento
ou de outra ilusão qualquer

E dos teus passos baços cor de palha ardida
o que resta ?
eco gemido-eco
uma gritaria de acordar as traseiras
de uma avenida inteira
para nada

PROFECIA

A verdade e uma explosão ou sete cabelos em pé apocalipse
uma rebeldia indemne Abraão Damocles Josué
um fogo e um vulcão arrasem a cidade com um zê de vento
um raio ou um perdão

Isso ! e beijem-me a boca com sorrisos e um profeta Elias nos olhos
um caranguejo por exemplo é uma imitação barata de santola
uma estola na grelha com feijão saber-se estar na ruína
é evitar a passo largo a frustração
comer língua de gato e chorar é uma humilhação
abomino as sombras vivas por isso gosto da noite
a escuridão não é baldio

senhora condessa a noite pertence aos atletas
que farra ! os cossacos estar vivo é uma indignação
roleta russa dois disparos de vinho um copo de clarete
um toque de clarinete

um bebé-chorão

o que é preciso é andar na rua desconhecer a multidão
cada indivíduo é uma raridade um disparo de canhão
uma rajada de veneno uma esmola na mão

ó deixa ver ! ó espera aí ! ó vontade de ser alguém na vida
ó pensa bem ! ó caminhos certos ! ó pai-do-céu ! ó nunca mais !

hás de ensinar-me o teu esquecimento e um amor ultrapassado
hei de sentir-te o bafo estando tu ausente muito ausente
uma aviltção dormir com a minha carne pejada do teu nome
hei de sentir o frio imundo das noites enlugaradas na distância
comoção aproveitada dimensão-ultrage morte ! inanimada
possessão golfada um cheiro bojudado à tua barriga inchada
um desdém maldito é o meu amor frustrado uma decisão
o meu comer fora de horas também anda atrasado
chora mais baixinho a tua saudade de sangue espanto de uma sedução
A gente não tem fome nem sede nem temor duma traição
fazemos uma fraude igual e tanta gente alegre temos um nome
e nenhuma tradução.

EX-CERTO

o gato anónimo fixa
sinistramente
o aquário
... nada mais se opõe à rapina do peixe que nada

de cauda para o gato, mira-se o peixe
no espelho superficial de encontro ao ar
espera na solidão a fêmea in vitro
sensualmente desejada
a espera lunar
ignorante e marginal
sem outra realidade

haverá gatos no mundo de amor dos peixes?

TALHÃO | de cinzas ressuscitadas

Quando eu morrer
quero ir vestido de calceteiro marítimo
preso a uma jangada
atirado ao mar

Comprem um caixão ...
e gozem sozinhos com ele a coreografia costumeira
dos funerais:
com foguetes, estalinhos chineses e busca-pés
com bandas-o-morto bandas-o-vivo
e gigantones

Nada de gravatas pretas - nada de lutos !
quando eu morrer é festa !

Quero morrer no carnaval

Na cama
quero uma morte serena
façam a festa depois;
uma festa para vocês
todos

.....

Em pleno mar
hei-de afundar-me directo ao abismo das sereias
anjos substitutos
seres inventados
para amar

BRUXELAS

(1977, Primeiro de Janeiro)

mistério
em nome do tempo
do espaço
e do amor

uma suposição romântica
um molhe de livros
ao canto da gaveta

magia
sombra
deslocando-se no escuro

milagre
ontem estava morto
na distância do tempo
hoje o sol aquece-me
e seca das tuas lágrimas
o meu corpo

O AUTOR:

José-Luis Ferreira nasceu em Viseu, 1938. Sociólogo, escritor, investigador de arte, gestor e consultor de empresas. Estudou em Paris¹, (e estagiou² em) Bourges³, Orléans⁴, Bruxelas⁵ e Anvers/Antuérpia⁶. Foi professor-convitado (investigador e docente), em cursos de pós-graduação universitária⁷. Dedicou-se, desde a década de 70, a projectos de *marketing-creative* e promocional, de planeamento e gestão empresarial, estudos de *corporate image*, publicidade institucional e *advertising* promocional, em serviços e novos produtos (bens duradouros e de grande consumo)⁸. Tem exercido cargos de administrador, gestor e consultor técnico⁹ em empresas de estudos socioeconómicos e em sectores empresariais (ramos imobiliário, turístico e transportes), tendo participado em vários conselhos de administração¹⁰ de sociedades anónimas, como responsável por pelouros de áreas de gestão technicoeconómica e financeira, relações públicas e negociais. Tem vindo a participar (como coordenador, técnico superior¹¹ e consultor) em equipas pluridisciplinares, para estudos de projecto em áreas diversificadas: *turismo de espécie e cultural, infraestruturas de urbanoturismo*, tecnologia industrial, científicas culturais. Tem desenvolvido várias iniciativas e eventos culturais e estudos de investigação (como crítico, promotor, escritor e divulgador de arte¹²), intervindo em peritagens e como membro de júris em concursos, no país e estrangeiro. Exerceu funções de adjunto e assessor em gabinetes ministeriais, participou em comissões do Governo (após 1975¹³) e foi diplomata¹⁴, nos Países-Baixos. Autor de artigos, ensaios, palestras, conferências, monografias e prefácios em catálogos de centenas de exposições de artistas plásticos contemporâneos, participou e interveio em congressos, simpósios e diversos júris de Colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Vasta bibliografia (poesia e ficção) editada¹⁵ e inédita. Colaboração esparsa (na imprensa¹⁶ regional e diária, revistas especializadas, rádio e TV¹⁷).

Membro, entre outras, das Instituições: *Sociedade Portuguesa de Ciências Sociais e Humanas, Sociedade de Língua Portuguesa, ANAP-Associação Nacional dos Artistas Plásticos*¹⁸, dos Comitês de Portugal para a AIAP- Association Internationale des Arts Plastiques (UNESCO) e *Luso-Galaico para o Desenvolvimento Cultural* e do *Círculo Cultural e Artístico Artur Bual, Ass. Les Amis de Marcel Gili, etc.*

e-mail: alcoba@netc.pt

¹ *Sciences Sociales* (UCP Hum.) | 1961-65

² bolseiro do Estado, da Fund. Calouste Gulbenkian, da JTCS, da S. C. C. e outras instituições mecenáticas

³ tese (Dr^{at}) *Intégration des Arts dans l'Architecture des Sociétés Occidentales Contemporaines* (patrono Prof. H.Malvaux) ENSBAAI | 1966

⁴ Assistente do prof. Marcel Gili (Sc.Sociales appliquées. *Sociologie de la sculpture Pth*) | 1964-67

⁵ Institut du travail (ULB Mast^{er}.) 1971

⁶ Gestion et Planification du *Développement Economique* (lic./M^{ter}P^hc) | 1970

⁷ ant.º Instituto de Orientação Profissional / U.L. (cad.^{ras} de Sociologia I e II e Estruturas Socio-Económicas) e de pós-graduação (Sociologia da Comunicação) in *Cursos de Formação on job*, da RTP - IEFPP | 1976-77 e 1993

⁸ Investigação e pesquisa de mercado, estudos, criação e planeamento estratégico em campanhas publicitárias para os *massmedia* (copywriter sênior e Director Criativo), em agências de publicidade nacionais e estrangeiras: SPSP - Serviço de Publicidade Suiço-Português, Ltd./ Publicis, sa/ Mc Cann Erikson, sa/ Promo-NCK, sa | 1970-76

⁹ Agrinco, sarl / Transitum, Ltd / Probeta, sarl / OPL- urbanisme, architecture, architecture d'intérieurs et décoration / Pref.67/ Calorel,sarl / Silux,Ld./Gab.Est.Engº.AlmeidaGarrett/DeltaFoods,Ltd/Interfina,SA/GrupoCentreI-EID,SA/Hidroterra,Ld/ATISO/Socovias,sarl/Tecnobrita,Ltd/ Pereira Costa Ld./Grº.Terrazul-Sulpedras / EECOG, Ld. / Arca-Filme / Zoom'out / Vilamoura-LeClub/Compta-RH / Civiconsult,Ltd / Tabaqueira,sa / Operação Capital / etc.|1997-2000

¹⁰ Aga, Editora,Ld./ Turisbel,sarl (Óbidos)/ Urbanitel,sarl / Soc.Com. Guérin,sa / InterRent (gmbh) /Grutas Sra. do Cabo, sa (Sesimbra)| 1979-95

¹¹ quadro superior da Expo'98: Análise-Coordenação|Planeamento Estratégico/D-G.Operações (1997-99), Consultor actual Mkt & Gestão | 2002

¹² autor de estudos monográficos, de vários artigos publ. em livro e na imprensa diária e revistas culturais e de especialidade, de prefácios em catálogos, palestras e conferências, comunicações em simpósios e congressos, em Portugal e no estrangeiro | 1961-2002

¹³ Ministério da Agricultura e Pescas (Assessor e Adj. do Minº), Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria e Subsecretaria de Estado da Comunicação Social: *Comissão de institucionalização INOP- INEO(Vice-Pres.)* | Gab. Estudos de Opinião (Dir.Serv.) | 1976-78

¹⁴ Ministério dos Negócios Estrangeiros (Adido de Imprensa/Cons.Cultural Embaixada de Portugal em Den Haag-Paises Baixos) | 1979-80

¹⁵ Livros inéditos (11) editados (6 títulos|11 vols. Editores: IPM-MA, Aveiro, Polígono, Porto Universitária Editora) aut.div. prefácios e posfácios

¹⁶ desde 1953 (Director da revista ARTE da Sociedade Nacional de Belas Artes 1962/64) últimas publicações in «Espaços», «Casa & Jardim» e Jornal «Artes&Artes» | 2002

¹⁷ RTP (Prod.Ass.1970-71), WDR "Ihre Heimat, Unser Heimat – Soziale Politik & Kulture!" 30 progrs.(Report Research Cultural Advisor) | 1982-86

¹⁸ Presidente do Conselho de Parecer Profissional (mandatos suc.^{vos} , desde 1995, até 2003 Dezembro) | 2002

Visite nosso sítio WEB:



Cultura pura. Sem comércio, sem propaganda, aqui só importa a qualidade da obra

e-Books gratuitos,

Literatura,

Artes Plásticas,

Folclore,

Arte Regional,

Temas em Debate

Conheça nossa seção especial:

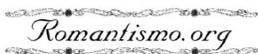


o portal do Romantismo Brasileiro e Mundial,

onde você encontra gratuitamente e sem propaganda:

publicações, e-books, downloads, consultas on-line, resumos, biografias, bibliografias, artigos.

romantismo.org



Diretor Geral

[André Carlos Salzano Masini](#)

casadacultura.org

